
Ver juntos e fabular com os arquivos: a criação de constelações-imagens a partir do projeto fotográfico “Retratistas do Morro”¹

Mariana Falcão Duarte²
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho deseja criar um espaço de jogo entre as imagens do projeto fotográfico “Retratistas do Morro” e os moradores do Aglomerado da Serra a partir de três gestos operativos: “das imagens”, “entre imagens” e “com as imagens”, buscando tornar possível explorar novas formas de se organizar o comum. Através da análise das contribuições teóricas de Saidiya Hartman, Jacques Rancière e Marie José Mondzain, pretendo analisar as operações imageantes produzidas nestes três gestos, buscando identificar a potência das operações que promovem a liberdade de uma imaginação radical, capaz de construir uma zona de hospitalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Fabulação; Arquivos; Vulnerabilidades.

O AGLOMERADO DA SERRA

As diferentes escalas das cidades brasileiras são o resultado de seus centros tradicionalmente consolidados, somados às novas centralidades da periferia, cujos modos de vida e táticas cotidianas são amplas e diversificadas. Por ser da ordem do político, o espaço urbano é, de acordo com Velloso, objeto de estratégias onde as diferenças entre os indivíduos e grupos são colocadas a prova e as possibilidades de negociação e o partilhamento de interesses comuns, privados e coletivos, são experienciados no uso da cidade por seus habitantes. A experiência da arquitetura urbana desenrola-se no cotidiano, consolidando nesta esfera um lugar de resistência e transformação. Ao buscar compreender as dinâmicas territoriais presentes na cidade de Belo Horizonte, é importante que haja um foco voltado para as áreas em situação de vulnerabilidade, esquecidas pelo poder público e deixadas muitas vezes à mercê da organização individual dos grupos sociais marginalizados. Desta forma, deseja-se tornar possível compreender

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pelo Ppgcom da UFMG. Email: melfalcao@gmail.com

com profundidade as relações sociais que se realizam na forma das relações espaciais e que configuram uma política do espaço.

Formado a partir da ocupação de famílias que vieram do interior do estado e de outras regiões do país para a nova capital após sua inauguração, o Aglomerado da Serra - ou Serrão, como é popularmente conhecido -, teve seus primeiros ocupantes no período de formação da cidade ainda no século XIX. Atualmente composto por seis bairros, conta atualmente com uma população superior a 50 mil habitantes, se configurando como o maior aglomerado de vilas e favelas do estado de Minas Gerais. Sua ocupação mais intensa se deu a partir da década de 1950, quando moradores que residiam no centro da cidade de forma improvisada se mudaram para os pés da Serra do Curral. Durante anos a população do Aglomerado conviveu de forma bastante precária, sem nem mesmo energia elétrica, que só começou a ser instalada na década de 1970, assim como a rede de abastecimento de água e coleta de esgoto, que chegou em algumas residências apenas no início da década de 1980. A organização das comunidades através das associações de moradores foi fundamental para que alguns avanços fossem alcançados, principalmente no que se refere ao abastecimento de água. Foi apenas a partir dos anos 2000, através do programa Vila Viva, que um projeto de urbanização foi implementado na região, proporcionando pavimentação, construção e alargamento de vias, instalação de postes para iluminação pública, implementação de linhas de ônibus para a ampliação do serviço de transporte coletivo, além de intervenções com o intuito de reduzir os riscos de desabamentos em alguns pontos. As intervenções geraram grandes impactos na vida de algumas famílias, que se viram obrigadas a deixarem suas casas e terrenos em função da realização de algumas obras.

O PROJETO FOTOGRÁFICO “RETRATISTAS DO MORRO”

Em 2015 o artista visual Guilherme Cunha iniciou uma pesquisa cuja intenção era localizar arquivos fotográficos dos moradores do Aglomerado da Serra. Através de algumas conversas, ele identificou dois fotógrafos e ex-residentes do Aglomerado, João Mendes e Afonso Pimenta, como dois dos maiores responsáveis pelos registros fotográficos das famílias da região durante as décadas de 1960 a 1990 ainda com parte de seus acervos em mãos. Através de uma busca nestes acervos de imagens ainda em posse dos fotógrafos, foram levantados mais 250.000 fotogramas entre negativos P&B de médio formato (6×6), negativos coloridos 35mm, monóculos e negativos de ½ 35mm, o que

corresponde atualmente ao maior acervo de imagens de vilas e favelas já identificado e catalogado no Brasil.

As fotografias revelam parte significativa da história da região do Aglomerado contadas a partir das experiências e das visões de mundo de seus próprios moradores, se configurando como um dos mais ricos registros dos modos de vida de uma parcela em situação de vulnerabilidade da cidade de Belo Horizonte. Ao serem identificadas, selecionadas e restauradas, passaram a integrar o projeto fotográfico “Retratistas do Morro”, um projeto que dá a ver o cotidiano daqueles que residiram no Aglomerado da Serra e que retrata a vida dos moradores em suas casas, quintais, comércios, igrejas, centros de cultura e lazer, dando a ver desde cenas singelas do cotidiano até grandes comemorações.

As imagens do projeto são fragmentos importantes do arquivo da cidade pois erguem o rosto de uma parcela da população negligenciada pelo poder público e pelas forças hegemônicas. Ao analisarmos os registros dos moradores nos cenários do Aglomerado percebemos que estas fotografias provocam uma fratura e um estranhamento quando colocadas em relação com outras imagens de controle, amplamente divulgadas pelas mídias, e que refundam, a cada representação, o lugar da vulnerabilidade da população do Aglomerado. Ao lado das imagens que reduzem este grupo a uma marginalidade sem saída e que segregam a cidade, é possível identificar contra-narrativas que posicionam outras visibilidades, dignificando aqueles que são dados a ver através das imagens e que, ao operarem, possibilitam que aquelas pessoas componham outros enquadramentos, ampliando as formas do aparecer destes sujeitos.

Mas como possibilitar que, a partir da análise das imagens do projeto Retratistas do Morro, as fotografias do Aglomerado da Serra ao serem selecionadas, analisadas e reagrupadas por seus moradores atuais, sejam capazes de provocar rupturas, criando um espaço de hospitalidade e permitindo que seus analistas as ressignifiquem, independente de um conhecimento prévio sobre os contextos de origem das imagens ou sobre aqueles que são dados a ver nas fotografias?

Michael Pollak³ refere-se às memórias dos grupos marginalizados como uma modalidade denominada memórias subterrâneas, que se referem às memórias das minorias políticas, dos segmentos mais pobres, dos movimentos sociais e de outras

³ RIOS, 2013

instâncias que se situam fora do núcleo hegemônico. Quando abertas as vias capazes de compartilhar essas memórias, elas tendem a vir à tona com muita intensidade “rompendo a ordem vigente e trazendo mudanças e consequências incalculáveis” (RIOS, 2013, p.12). Para além de um resgate cultural da memória, há uma certa vibração do presente quando ele opera no passado, que reativa, reinventa, atualiza e presentifica essa memória cultural. Considerando que algumas imagens do projeto fotográfico foram registradas há mais de cinquenta anos e que o território do Aglomerado se modificou sensivelmente, tendo alguns dos retratados inclusive já falecido, a intenção aqui é buscar tornar possível a criação de um território, um espaço de jogo, a abertura de um campo de possibilidades de experiência⁴, para que as instâncias de operações das imagens possa se desenvolver, possibilitando que o que é visível, feito e dito encontre espaço para ser e, assim, novas relações sejam tecidas.

As identidades territoriais de grupos em situação de vulnerabilidade espacial são acionadas e desativadas a partir de interações e objetivos políticos, construídas em estreita relação com o espaço que o sujeito ocupa e transita, e se alteram a partir de dinâmicas e negociações. As experiências dos sujeitos nos espaços da cidade acionam as operações da memória que não são apenas operações de resgate e rememoração, mas também de reelaboração de um passado para que ele faça sentido num momento presente, constituindo a própria identidade dos sujeitos. Ver, viver, crer e habitar são dinâmicas tecidas a partir das relações espaciais e temporais, e evidenciam o que foi herdado, o que foi apagado, o que estava invisível e apareceu, o que estava preso e de repente insurgiu.

RUPTURAS: O SURGIMENTO DE CONTRA-NARRATIVAS

Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos buscando ampliar as formas de analisar e se relacionar com as imagens, explorando diferentes reflexões sobre a produção imagética, a fruição das imagens produzidas por dispositivos técnicos e as mediações através das quais as imagens inauguram experiências subjetivas, políticas e estéticas.

No campo da história e da literatura, o trabalho de Saidiya Hartman tem ganhado grande visibilidade por articular uma nova forma de se relacionar com os arquivos, incluindo os fotográficos. Embora o paradigma metódico tenha sido superado pela historiografia, ainda nos vemos cercados por historiadores disciplinares que, nas palavras

⁴ CONCEIÇÃO, 2017

de Saidiya Hartman, são “devotos do policiamento das fronteiras da história, como ela deve ser escrita e quem pode escrever” (SILVA E SOUZA, 2023, p.11). Saidiya questiona como devemos proceder diante dos arquivos produzidos por relações de poder nos moldes de Michel Foucault, que protegem um determinado protocolo disciplinar, reverenciando e fetichizando os documentos dos “poderosos” como a única fonte para hipóteses supostamente verdadeiras. Tal questionamento exige que remontemos às origens das práticas com os arquivos para contextualizarmos e entendermos as formas de tratamento dispensada aos documentos históricos nos últimos cem anos e que, durante décadas, excluíram qualquer substrato textual ou imagético que não preenchesse os requisitos necessários para serem considerados fontes. Ainda que o paradigma que norteou a historiografia metódica tenha sido derrubado, o apego às tradições e a vinculação das pesquisas e da disciplina da História aos interesses das forças hegemônicas continuam a impedir que diferentes práticas de pesquisa e ensino sejam incorporadas por nossa sociedade.

No livro “Vidas rebeldes, belos experimentos”, Saidiya apurou em arquivos, registros, pesquisas, transcrições de julgamentos, relatórios de delegacias, fotografias de guetos, além de inúmeras outras fontes, informações sobre jovens mulheres negras durante a virada do século XX. Na tentativa de recriar suas experiências, Saidiya narra através de imagens, informações coletadas e fabulações críticas as práticas rebeldes dessas mulheres, driblando os limites das informações levantadas em arquivos através da criação de narrativas íntimas e aproveitando as lacunas historiográficas para traçar uma crítica contundente a forma que essas mulheres aparecem nos documentos.

O trabalho de Saidiya Hartman, articula uma nova forma de se relacionar com os arquivos. Propondo uma leitura das imagens e de documentos de arquivos através de movimentos de montagem, mesclando fotografias e informações sem necessariamente se manter fiel a supostas verdades históricas, a autora utiliza a fabulação crítica como um método, um conceito e uma ferramenta de trabalho. Caracterizado por tentar esgotar as possibilidades narrativas dos arquivos e criticar a forma que eles são produzidos, este método reorganiza, rearranja e reapresenta os elementos históricos em narrativas divergentes a partir de pontos de vista em disputa. Desta forma, a autora cria uma ruptura ao desenhar um movimento de libertação dos documentos em relação a suas fontes, de forma a criar histórias pessoais que façam sentido num momento presente e busquem

propor uma reparação social para suas protagonistas, em especial no que se concerne aos contextos de vulnerabilidade em que elas se encontram.

A contribuição de Saidiya torna possível ressignificar histórias de vida ao construir novos contextos e destinos para suas personagens, problematizando os quadros de sentido e valores, capazes de gerar visibilidade e legibilidade para as mulheres negras americanas da virada do século XX. Para além de “uma forma de lidar com o arquivo”, Saidiya defende a fabulação crítica como um método que pretende ir além de uma prática de “escovar a história a contrapelo” de Benjamin, ou de uma mera interpretação de documentos. Para ela, este método atua dentro de epistemes coloniais, questionando as formas de conhecimento, poder e as práticas disciplinares, inovando no campo das ideias a partir de análises dos arquivos.

Jacques Rancière é um autor cuja contribuição se alinha ao movimento que Saidiya pratica ao utilizar o método da fabulação crítica. Rancière vem investigando desde a década de 1960 o tema da igualdade e a invisibilidade de grupos subalternos, questionando as percepções hegemônicas do mundo social dentre outras importantes abordagens. Na década de 1970 o autor mergulhou nos arquivos dos operários franceses do século XIX, momento em que “descobriu a importância das dimensões estética e intelectual do movimento de emancipação operária, negligenciada pela maior parte dos teóricos marxistas” (WAKS, 2021, p.3). Este gesto de pesquisa deu origem a sua tese de doutorado intitulada “A noite dos proletários: arquivos do sonho operário”, que abordou a noção de tempo livre na concepção de emancipação proletária, entendida pelo autor como uma possibilidade de ruptura no ciclo repetitivo do trabalho e do repouso. Seus conceitos sobre política e polícia, subjetivação política, partilha do sensível, método da cena, e a ficção, que abre possibilidades para os gestos fabulatórios, além dos estudos sobre o trabalho das imagens e suas operações capazes de produzir arranjos e a reorganizar as formas perceptiva dadas, são contribuições importantes e significativas para a abordagem que esta pesquisa deseja propor.

Rancière denominou de “partilha política do sensível” a partilha política que traz à tona o que anteriormente não havia encontrado lugar para ser visto, possibilitando a escuta de discursos que antes só foram percebidos como ruídos (RANCIÈRE, 1996), sendo fundamentada por uma distribuição polêmica das maneiras de ser e das ocupações possíveis de um espaço (MARQUES, 2014, p.71). As imagens, segundo Rancière, pertencem a um "dispositivo de visibilidade que regula o estatuto dos corpos

representados e o tipo de atenção que merecem. A questão é saber o tipo de atenção que este ou aquele dispositivo provoca" (RANCIÈRE, 2012, p.96). Há uma ordem policial que contextualiza e controla as imagens e o que elas reapresentam, determinando os modos com que essas pessoas, coisas e objetos se apresentam e qual a atenção que eles merecem. O regime de visibilidade que regula a produção e a forma com que esses elementos - pessoas, coisas e objetos - aparecem nas imagens influenciam em função do regime discursivo que os fundamenta.

Rancière defende então o ato ficcional como uma ruptura capaz de trazer à tona o espaço da verdadeira vida que, por sua vez, é a negação radical da vida, aquela vida ordinária, que já existe e que se reproduz incessantemente, semelhante a si mesmo, ordenada pelo tempo contínuo e pelo capital (RANCIÈRE, 2021, p.37). O autor nos convoca a adentrar no espaço da ficção, um território cuja existência se despoja de todos os atributos da vida normal a fim de habitar o lugar puro, cujo tempo é feito de instantes, mas onde é necessária uma extravagância radical capaz de fazê-la aparecer. Esta extravagância, ou radicalidade, se faz a partir de uma ação criativa, capaz de promover uma fratura na ordem natural das coisas.

A filósofa Marie José Mondzain (2022) também argumenta a favor de uma outra radicalidade, uma ação cuja energia política é capaz de traçar novas cartografias, imprevisíveis, onde os sujeitos se tornam capazes de explorar a singularidade de suas vidas cotidianas. Mondzain cria uma fundamentação que se alinha aos conceitos de dissenso e ficção na obra de Rancière, definindo a zona como um espaço cuja indeterminação oferece o campo imaginário de todos os possíveis, onde ocorre o devir sensível e visível do que ela chama de mundo inteligível, que adentra o real a partir de um movimento, uma radicalidade. Para a autora, as imagens trazem em si a possibilidade de criar diferentes realidades, que se alteram a partir da visão de cada um. Aqueles sujeitos que se atreverem e recusarem a domesticação através das imagens, que não se deixam confiscar pelo consenso do imaginário coletivo capitalista, colocam em prática a liberdade de uma imaginação radical através das operações imageantes, construindo juntos um espaço do comum, uma zona de hospitalidade e criação, onde as diferenças e dissensos tornam possível a criação de uma unidade e a partilha deste comum.

GESTOS DE PESQUISA ENQUANTO POÉTICAS

Júnia Mortimer diz que os gestos de pesquisa, enquanto poéticas, possibilitam experimentar modos diferentes de fazer o “arquivo falar”, pois provocam ruídos ao colocar “em discussão a vida ordinária capturada por meio da fotografia e as implicações dessa mediação técnica na prática da cidade e na construção de representações e discursos” (Mortimer, J. C. 2020). Mas o que surge a partir do encontro com a imagem, o que emerge desse contato? Do encontro entre sujeitos e imagens novas visibilidades podem emergir e tomar forma a partir do compartilhamento de sua aparência.

Para desenvolver um território de jogo entre sujeitos e imagens, esta pesquisa pretende analisar as interações dos moradores atuais do Aglomerado da Serra com as fotografias do projeto “Retratistas do Morro” a partir de três gestos operativos: de análise do regime representativo das imagens do projeto; de análise na construção de montagens e enquadramentos entre as imagens de arquivo do projeto “Retratistas do Morro” e outras imagens de arquivos pessoais de moradores do Aglomerado da Serra; de análise dos gestos fabulatórios dos moradores do Aglomerado com as fotografias do projeto a partir de intervalos que possibilitem uma ruptura radical, um gesto criativo capaz de ativar o imaginário para reorganizar o tempo, o espaço e o aparecer dos sujeitos através de narrativas que colocam em relação e que produzem um comum a partir da abertura de uma zona de hospitalidade.

A operacionalização desta ruptura radical dará origem a uma zona onde a imaginação política vai se desdobrar nas *operações imageantes*. Estas operações criam espaços e tempos, constituindo outras figuras de comunidade, que deslocam as já existentes na ordem estabelecida do mundo (GUIMARÃES, 2010, p.82). Juntas, fala e imagem são capazes de perturbar as evidências até então compartilhadas acerca do Aglomerado da Serra. É como validar novas visibilidades, reconfigurando os fatos, instaurando o dissenso e alterando os elos entre os sujeitos e os mundos que habitam, provocando a ruptura de uma paisagem homogêneas de concordância geral (MARQUES, 2014, p.66), instaurada através da divulgação da memória coletiva e das imagens de controle acerca do Aglomerado. É necessário que as palavras fabuladas participem dessa mediação juntamente com as fotografias, pois a fala torna possível promover a partilha de uma crença individual e será apenas no campo da palavra que a profundidade poderá ser alcançada. Mais do que a classificação social ou econômica dos fotografados, o que interessa de fato aqui são as formas de vida "na qual todos os modos, os atos e os

processos do viver não são nunca simplesmente fatos, mas sempre e antes de tudo, possibilidades de vida ou potências" (GUIMARÃES, 2010, p.11).

Ao colocar moradores e imagens em relação, incorporando outras imagens de arquivos pessoais ao gesto de análise, cria-se uma constelação de imagens, sujeitos e memórias. Walter Benjamin designa uma constelação pela relação entre os componentes de um conjunto do agrupamento constelar, que é por sua vez caracterizado pelas estrelas e pelas linhas imaginárias que as interligam. Esta relação é definida tanto pela proximidade e afastamento das estrelas, quanto pela possibilidade de significado que o conjunto adquire – o sentido que lhe pode ser atribuído (VELOSO, 2022). Por permitir o pensar por extremos, incorporando desde fragmentos a grandes corpos, a estratégia de pensamento através da constelação permite conectar polos distantes e ilustra de forma eficiente o movimento de ir e vir do fluxo da experiência, quando a partir de um lampejo um momento atual ilumina o passado e altera o presente.

Ao ampliar as formas de se relacionar com as fotografias do projeto “Retratistas do Morro”, para além da identificação dos rostos nas fotografias e suas histórias, transpondo os levantamentos históricos e as análises documentais dos sujeitos que nelas aparecem, possibilitamos que estas imagens falem também sobre os sujeitos que as analisam. Ainda que os arquivos fotográficos sejam lacunares por excelência, eles ainda podem apresentar experiências outras para novos sujeitos. Será através da ampliação das formas de restituição desses arquivos que os fios de continuidade entre a vida que passou e as novas vidas que ali estão irão se reestabelecer (BRASIL, 2021).

CONCLUSÃO

A potência política da cena que proporciona um diálogo do agora com o passado é potencializada pelo encontro das fotografias com seu contexto de origem. Ao ampliar as formas de manipular o arquivo das imagens do projeto “Retratistas do Morro” pode-se tornar possível o surgimento de um movimento de subjetivação política, capaz de redefinir as identidades dos retratados e de outros sujeitos pertencentes ao mesmo contexto, reconfigurando as formas com que os moradores do Aglomerado são vistos, redefinindo seus lugares na ordem das coisas, a forma com que esse lugar está atrelado à sua essência e desconectando qualquer posição imposta por qualquer ordem discursiva anterior e conectando para si um novo lugar dentro do meio social.

Através destes três gestos metodológicos, esta pesquisa busca propor criar uma zona de radicalidade e hospitalidade a partir do encontro com as imagens. É na dilatação dos processos de restituição onde se torna possível que fios de continuidade entre a vida que passou e as novas vidas que ali estão se estabeleçam, ressignificando as imagens de arquivo deste projeto fotográfico e mantendo-as viva no presente da comunidade do Aglomerado da Serra.

REFERÊNCIAS

BRASIL, André. O cinema e as barragens (anotações sobre a devolução das imagens). Fórum doc. Belo Horizonte. 2021

CONCEIÇÃO, Nélío. **Jogo, espaço de manobra e inervação em Walter Benjamin**. Conceitos Estéticos | Conceptos Estéticos. Lisboa. 2017

CUNHA, Guilherme. Site **Retratistas do Morro**. 2015.
< <https://www.retratistasdomorro.guilhermecunha.art.br/> > Acesso em 03/08/2022

GUIMARÃES, César. **Comum, ordinário, popular: figuras da alteridade no documentário brasileiro contemporâneo**. In: MIGLIORIN, Cezar (Org.). Ensaio no real. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010. p. 181-197.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. Tradução Floresta – São Paulo: Fósforo, 2022

MARQUES, Ângela. **Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso**. Artigo: discursos fotográficos, Londrina, v.10, n.17, p.61-86, jul./dez. 2014

MONDZAIN, Marie-José. **Confiscação das palavras, das imagens e do tempo: por uma outra radicalidade**. Traduzido por Pedro Corgozinho. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

MORTIMER, Junia Cambraia. **Poéticas de arquivo como práticas urbanas: três gestos de pesquisa no arquivo do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos**. Revista Brasileira De Estudos Urbanos E Regionais, 22. <https://doi.org/10.22>

SILVA E SOUZA, Fernanda. **“Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos”**: uma entrevista com Saidiya Hartman. Revista ODEERE, ISSN 2525-4715 Vol 8, Nº 1, 2023, XX-XX

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed 34, 2009

RANCIÈRE, Jacques. **La nuit des prolétaires - Archives du rêve ouvrier.** Tradução Luís Leitão 1.ª edição 2012

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento.** São Paulo: Ed. 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O trabalho das imagens: Conversações com Andrea Soto Calderón.** Tradução de Ângela Marques. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.

RIOS, Fábio. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michel Pollak e Beatriz Sarlo.** In: Revistas Intratextos, 2013, vol 5, nº1, p. 1-22.

WAKS, Jonas Tabacof; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de; VALLE, Lílian do; GRECO, María Beatriz. **Tomada da palavra e conquista do tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47. 2021

VELLOSO, Rita. **Urbano-Constelação.** Belo Horizonte: Cosmópolis, 2022.